

## **CRIAÇÃO E DIFERENÇA: ENSAIOS DE UM PENSAMENTO FILOSÓFICO**

**MARIA THERESA LOURENÇO MACHADO DOS SANTOS<sup>1</sup>; RÓGER ALBERNAZ DE ARAUJO<sup>2</sup>**

<sup>1</sup>*Instituto Federal Sul-rio-grandense – [tytta1985@hotmail.com](mailto:tytta1985@hotmail.com)*

<sup>2</sup>*Instituto Federal Sul-rio-grandense [roger.albernaz@gmail.com](mailto:roger.albernaz@gmail.com)*

### **1. INTRODUÇÃO**

Esta escrita pretende expor de maneira breve, alguns pontos relevantes apresentados pelo pensamento de Gilles Deleuze e Félix Guattari. Talvez, mais bem seja não falar em pontos, visto que na filosofia deleuziana não há pontos, e, sim, linhas. Deste modo, pretende-se dispor de uma linha; uma linha de pensamento por entre o pensamento dos autores que propõe pensar a filosofia e suas potencialidades de criação. E, considerar a criação como uma tarefa filosófica, produz um movimento diferente; desenha novas imagens de um pensar. Para se poder produzir uma aproximação com esta proposta, faz-se estratégico considerar planos específicos e, neste trabalho procurar-se-á envolver e implicar a filosofia e as suas relações nos processos de criação. Um plano que envolve conceitos e relaciona-se com outros planos que funcionam de modo transversal para uma construção criativa. Assim, acontece um “plano de imanência”, possibilitando ao pensamento um movimento e um olhar diferente, que neste caso assume a perspectiva de uma construção teórica desta escrita pelo agenciamento com a produção de DELEUZE (1992).

### **2. METODOLOGIA**

O procedimento metodológico que possibilitou a produção desta escrita, que visa esboçar de maneira concisa a concepção deleuziana de filosofia é de cunho bibliográfico, a partir da leitura e da análise da obra: “O que é filosofia?”(1992), além de leituras complementares como: “Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia V.1 (1995) e V.3 (2012)”. Leituras que funcionam de modo singular, não tendo o intuito de chegar a uma conclusão, e, sim, movimentar o pensamento e possibilitar uma percepção da filosofia como uma arte possível para a criação conceitos.

### **3. RESULTADOS E DISCUSSÃO**

A filosofia, não mais vista como uma velha amiga crítica, mas como uma criação; assim, pode ser desenhada uma imagem filosófica, proposta por Gilles Deleuze e Félix Guattari; e de como se pode valorar a função da filosofia. A filosofia passa por muitos momentos em sua existência, até mesmo o momento de não mais existir. Seus momentos neste contexto não são centrais, mas sim o corpo diferente que ela toma com Deleuze, que expõe uma outra possibilidade de pensar a própria filosofia. Filosofia como a arte de fabricar, de inventar, de criar conceitos. Uma filosofia que não se limita ao campo da reflexão e, que não reflete pensamentos, mas desafia os simulacros. Busca de uma filosofia não mais como contemplação, e sim, pela possibilidade da experimentação, no que acontece “entre” o próprio processo de criação. Ou seja, uma filosofia que declina da comunicação e que engendra um plano modelar de opiniões. Deleuze a acerca da filosofia expõe:

Ela não é contemplação, nem reflexão, nem comunicação, mesmo se ela pôde acreditar ser ora uma, ora outra coisa, em razão da capacidade que toda disciplina tem de engendrar suas próprias ilusões, e de se esconder atrás de uma névoa que ela emite especialmente. Ela não é contemplação, pois as contemplações são as coisas elas mesmas enquanto vistas na criação de seus próprios conceitos. Ela não é reflexão, porque ninguém precisa de filosofia para refletir sobre o que quer que seja: acredita-se dar muito à filosofia fazendo dela a arte da reflexão, mas retira-se tudo dela, pois os matemáticos como tais não esperam jamais os filósofos para refletir sobre a matemática, nem os artistas sobre a pintura ou a música; dizer que eles se tornam então filósofos é uma brincadeira de mau gosto, já que sua reflexão pertence a sua criação respectiva. A filosofia não encontra nenhum refúgio último na comunicação, que não trabalha em potência a não ser de opiniões, para criar “consenso” e não o conceito. (DELEUZE, 1992, p. 14)

Para considerar como uma função própria da filosofia a “arte de criar” conceitos, Deleuze propõe considerar o que denomina de “plano de imanência”, o qual comporia o plano “pré-filosófico”. O Plano de Imanência ampara e acolhe a criação e o processo criativo. Não se trata de um simples conceito, mas, sim, da produção de uma imagem; produção de uma imagem do pensamento, que se tem desenhada a partir do movimento dos próprios conceitos que povoam esse plano. Os conceitos formam um corpo; o corpo usa as suas articulações e movimenta um pensar, duplamente articulado por entre as dobras que acontecem e compõem o plano. Quanto ao movimento:

Quando salta o pensamento de Tales, é como água que o pensamento retorna. Quando o pensamento de Heráclito se faz polêmos, é o fogo que retorna sobre ele. É uma mesma velocidade de um lado e de outro: “o átomo vai tão rápido quanto o pensamento. O plano de imanência tem duas faces, como Pensamento e como Natureza, como, Physis e como Noûs. É por isso que há sempre muitos movimentos infinitos presos uns nos outros, dobrados uns nos outros, na medida em que o retorno de um relança um outro instantaneamente, de tal maneira que o plano de imanência não pára de se tecer, gigantesco tear. (DELEUZE, 1992, p.55)

É possível perceber nesta passagem de “O que é filosofia?” (1992), aonde Deleuze apresenta a característica singular de um “plano de imanência”, ou seja, poder construir e compor um plano, a partir dos conceitos e movimentos que estes conceitos criados realizam no próprio plano. Por esta perspectiva de pensamento, a filosofia ao mesmo tempo em que cria conceitos, inaugura um plano de pensamento, que por dupla articulação faz funcionar a filosofia pela criação de conceitos e de outros planos. Assumir esta perspectiva possibilita considerar o movimento de um pensamento que não está preso à crítica reflexiva, e que deseja dançar pela experimentação de ritmos diferentes. A dança no processo de composição de um pensamento filosófico, pela criação de conceitos, articula duplamente o plano e os conceitos. Contudo, o conceito não pode ser confundido com o plano; os conceitos funcionando como intensidades e o plano como intuição.

Uma questão que pode suscitar enganos seria pensar que o Plano de Imanência seria limitado, ou remeteria a coordenadas na articulação desses conceitos que o ocupam; ou seja, que o pensamento poderia ser delimitado pelo plano. Com Deleuze, dir-se-ia que não; O Plano de Imanência não é um plano delimitador. Aliás, ele não é, mas, produz-se, a partir dos conceitos que o percorrem e que o ocupam; relações que provocam a sua constituição. Os planos são

múltiplos<sup>1</sup>, sendo esse um dentre muitos outros atributos a serem considerados. O plano e o conceito funcionam como máquinas<sup>2</sup>, uma acoplada à outra, desenhando a atividade de “criar” em filosofia.

Para Deleuze não existem conceitos simples. Os conceitos são multiplicidades e todo conceito remete a um problema. Cada conceito tem sua história, e esta não é necessariamente linear e pode, no percurso de criação, abarcar outros planos. No processo de criar conceitos, partes podem transparecer, ou seja, transparecem componentes vindos de outros conceitos. Por esta via, a teoria do filósofo francês problematiza que o processo de criar conceitos, não é um processo que ocorre a partir do “nada”, mas envolve outros planos, outras histórias, envolve outros “personagens conceituais<sup>3</sup>”. Os personagens conceituais proporcionam o movimento que desenha o plano de imanência, e estão diretamente ligados ao processo de criação dos conceitos. Os personagens conceituais são a expressão da potência dos conceitos; potência que compõe os territórios, por entre processos sucessivos e contínuos de desterritorializações e de reterritorializações de um plano de pensamento que acontece.

O pensamento de Deleuze e Guattari convida que o olhar experimente desejar modificar-se. Não mais olhar sobre, mas olhar entre, olhar fora. Assim, a “velha amiga” toma fôlego e transparece um corpo criativo. Um corpo que deseja não mais se colocar imóvel, ancorada em sua crítica reflexiva, mas poder movimentar-se por espaços-tempo diferentes e em lugares não enraizados. Uma filosofia que cria conceitos, que considera o caos, o fluxo e o corte; percorre o rizoma<sup>4</sup>, a linha; deseja a fuga<sup>5</sup> e as maquinações<sup>6</sup>; produz o seu “corpo sem órgãos<sup>7</sup>”, tecido e dobrado por entre as diferentes rostidades<sup>8</sup> possíveis de um devir<sup>9</sup>.

---

<sup>1</sup> “A filosofia apresenta três elementos, cada um dos quais responde aos dois outros, mas deve ser considerada em si mesma: o plano pré-filosófico que ela deve traçar (imanência), o ou os personagens pré-filosófico que ela deve inventar e fazer viver (insistência), os conceitos filosóficos que ela deve criar (consistência). Traçar, inventar, criar, esta é a trindade filosófica”. (DELEUZE, 1992, p.101)

<sup>2</sup> Cf. Deleuze: “As máquinas desejantes são máquinas binárias, com regra binária ou regime associativo; sempre uma máquina acoplada com outra”. (DELEUZE, 2000, p. 20) Neste contexto, o conceito de máquina é claramente ligado a, um outro conceito deleuziano, o conceito de desejo este também faz parte do processo de criar conceitos.

<sup>3</sup> Cf. Deleuze: “Os personagens conceituais, [...] operam os movimentos que descrevem o plano de imanência do autor, e intervêm na própria criação de conceitos”. (DELEUZE, 1992, p.85)

<sup>4</sup> “Um rizoma não começa nem conclui, ele se encontra sempre no meio, entre as coisas, inter- ser, *intermezzo*. A árvore é filiação, mas o rizoma é aliança, unicamente aliança”. (DELEUZE, 1995, p. 37)

<sup>5</sup> “A linha de fuga marca, ao mesmo tempo: a realidade de um número de Cf. Deleuze: “Os personagens conceituais, [...] operam os movimentos que descrevem o plano de imanência do autor, e intervêm na própria criação de conceitos”. (DELEUZE, 1992, p.85)

<sup>6</sup> “O desejo é máquina, o objeto do desejo é ainda máquina ligada, tanto que o produto é extraído do produzir, que vai dar um resto ao sujeito nômade e vagabundo”. (DELEUZE, 2000, p. 44)

<sup>7</sup> Cf. Deleuze: “O CsO é o *campo de imanência do desejo*, o *plano de consistência* própria do desejo (ali onde o desejo se define como processo de produção, sem referência a qualquer instância exterior, falta que viria torná-lo oco, prazer que viria preenchê-lo)”. (DELEUZE, 2012, p. 18)

## 4. CONCLUSÕES

Pensar em conclusões seria apresentar uma imagem contraditória de toda a exposição da teoria do pensamento, segundo Deleuze e Guattari. A fundamentação teórica desta escrita não considera a ideia de concluir algo, mas aposta na consideração dos fluxos, das linhas, dos rizomas, dos processos múltiplos, simultâneos e contínuos. Aposta em uma perspectiva de diferença do pensamento. Caso fosse possível expor “inovações” da teoria do pensamento de Gilles Deleuze e Félix Guattari, elas residiriam no diferente, na diferença. Isso, talvez, traduza o elemento imanente do Plano de Pensamento de Deleuze e Guattari; uma filosofia desenhada pelo filósofo e pelo psicanalista, pelo encontro alegre de ambos; e, o que proporciona aos estudiosos e aos interessados pelo mundo de Sofia a possibilidade do encontro com uma nova imagem de pensamento; uma imagem que apresenta o movimento do possível, o movimento que considera o por vir das potencialidades de cada um desses escritos, não são apenas para filosofia, são para a vida e para todos que desejam novos/ outros modos de pensar o pensamento.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DELEUZE, G. **O que é filosofia?** Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

DELEUZE, G. **O Anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia.** Rio de Janeiro: Imago, 2000.

DELEUZE, G. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia v.1.** São Paulo: Ed. 34, 1995.

DELEUZE, G. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia V.3.** São Paulo: Ed. 34, 2012.

DELEUZE, G. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia V.5.** São Paulo: Ed. 34, 1997.

DELEUZE, G. **Nietzsche e a filosofia.** Rio de Janeiro: Editor rio, 1976.

---

<sup>8</sup> Cf. Deleuze: “Pode-se dizer que o rosto assume em seu retângulo ou em seu círculo todo um conjunto de *traços de rostidades*, que ele irá subsumir e colocar a serviço da significância e da subjetivação. [...] Desfazer o rosto é o mesmo que atravessar o muro do significante, sair do buraco negro da subjetivação”. (DELEUZE, 2012, p. 64)

<sup>9</sup> Cf. Deleuze: “Todo pensamento é um devir, um duplo devir, em vez de ser atributo de um Sujeito e a representação de um Todo”. (DELEUZE, 1997, p. 50)